

JUVENTUDES NO COMPLEXO DO ALEMÃO (RJ): O QUE DIZ A LITERATURA ACADÊMICA?

Youths in the Complexo do Alemão (RJ): What do academic literature say?

Juventudes en el Complejo do Alemão (RJ): ¿Qué dice la literatura académica?

Resumo

A compreensão do contexto no qual se realizam práticas profissionais é essencial para o trabalho do terapeuta ocupacional. Assim, buscando compreender o território e o público com o qual atua, o projeto de extensão "Juventude(s): intervenções de arte-cultura no território", do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, apresenta-se uma revisão integrativa da literatura com o objetivo de apreender as produções bibliográficas acumuladas voltadas especificamente sobre a juventude moradora do Complexo do Alemão, na cidade do Rio de Janeiro. Foram realizadas buscas na Web of Science, SocIndex, Scopus, Scielo e no Portal de Teses e Dissertações da CAPES, em setembro de 2017, com a combinação de descritores "Complexo do Alemão" AND "young" OR "youth". Após a aplicação de critérios de inclusão, foram estudadas 11 publicações divididas em categorias temáticas de discussão, a saber: (1) Representação do Complexo do Alemão pela mídia; (2) As questões do território influenciando a prática de diferentes profissionais e (3) As representações dos jovens moradores do Complexo do Alemão sobre as UPPs (Unidade de Polícia Pacificadora). Conclui-se que os textos demonstram aspectos já conhecidos acerca do cotidiano dos jovens moradores de favelas, como a influência da violência e dos estigmas relacionados àquele território. Contudo, existem outras questões importantes a serem abordadas em futuras práticas e pesquisas naquele contexto, como cultura, educação, relações sociais e territoriais, mobilidade urbana, participação política, dentre muitas outras abordagens da juventude contemporânea do Complexo do Alemão.

Palavras-chave: Complexo do Alemão; Cotidiano; Favela; Juventude; Território.

Abstract

Understanding the context in which professional practices are performed is essential to the work of the occupational therapist. Thus, seeking to understand the territory and the public with which it operates the extension project "Youth(s): interventions of art-culture in the territory" of the Department of Occupational Therapy of the Federal University of Rio de Janeiro, an integrative review is presented of the literature with the objective of apprehending the accumulated bibliographic productions focused specifically on the resident youth of Complexo do Alemão, in the city of Rio de Janeiro. We searched the Web of Science, SocIndex, Scopus, Scielo and the CAPES Thesis and Dissertations Portal in September 2017 with the combination of descriptors "Complexo do Alemão" AND "young" OR "youth". After the application of inclusion criteria, we studied 11 publications divided into thematic categories of discussion: (1) Representation of the Complexo do Alemão by the media, (2) Territorial issues influencing the practice of different professionals, and (3) Representations of the young people living in the Complexo do Alemão on the UPPs (Pacifying Police Unit). The texts show that there are aspects already known about the daily lives of young people living in favelas, such as the influence of violence and stigmas related to that territory. Other important issues to be addressed in future practices and research in that context, such as culture, education, social and territorial relations, urban mobility, political participation, among many other approaches of the contemporary youth of Complexo do Alemão.

Key words: Complexo do Alemão; Every-day life; Favela; Territory; Youth.

Resumen

La comprensión del contexto en el que se realizan prácticas profesionales es esencial para el trabajo del terapeuta ocupacional. Así, comprender el territorio y el público con el que actúa el proyecto de extensión "Juventud(s): intervenciones de arte-cultura en el territorio", del Departamento de Terapia Ocupacional de la Universidad Federal de Rio de Janeiro, se presenta una revisión integrativa de la literatura con el objetivo de apreender las producciones bibliográficas acumuladas dirigidas específicamente sobre la juventud moradora del Complejo do Alemão, en la ciudad de Rio de Janeiro. Se realizaron búsquedas en la Web of Science, SocIndex, Scopus, Scielo y en el Portal de Tesis y Disertaciones de la CAPES, en septiembre de 2017, con la combinación de descriptores "Complejo do Alemão" AND "young" OR "youth". Después de la aplicación de criterios de inclusión, se estudiaron 11 publicaciones divididas en categorías temáticas de discusión: (1) la representación Complejo del alemán, en los medios de comunicación, (2) las cuestiones de territorio que influyen en la práctica de diferentes profesionales y (3) las representaciones de y en el caso de los jóvenes residentes del Complejo del Alemán sobre las UPP (Unidad de Policía Pacificadora), se concluye que los textos demuestran aspectos ya conocidos acerca del cotidiano de los jóvenes habitantes de favelas, como la influencia de la violencia y de los estigmas relacionados con aquel territorio. otras cuestiones importantes a ser abordadas en futuras prácticas e investigaciones en ese contexto, como cultura, educación, relaciones sociales y territoriales, movilidad urbana, participación política, entre muchos otros enfoques de la juventud contemporánea del Complejo do Alemão.

Palabras clave: Complejo do Alemão; Cotidiano; Favela; Juventud; Território.

Monica Villaça Gonçalves
Docente do Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ - Brasil.
movilla@hotmail.com

Ana Paula Serrata Malfitano
Docente do Departamento de Terapia Ocupacional e do Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos, SP - Brasil.
anamalfitano@ufscar.br

1 INTRODUÇÃO

O projeto "*Juventude(s): intervenções urbanas de arte e cultura no Território*" integra as ações desenvolvidas pelo Núcleo de Terapia Ocupacional Social do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O projeto iniciou-se em 2015 e propõe ações que pautam dois eixos distintos, porém complementares: (1) Juventude, Território e Violência e (2) Juventude e Direitos Humanos.

As ações do projeto se estabelecem principalmente através do desenvolvimento de oficinas de arte e cultura com jovens de duas instituições parceiras: uma escola pública estadual e uma organização não-governamental voltada a atividades de convivência para a defesa e promoção de direitos humanos da população moradora do Complexo do Alemão.

Nas oficinas, diante dos eixos temáticos propostos pelo projeto, foram realizadas atividades como a construção de maquete do bairro com material reciclado, mapas corporais, oficinas de lambe lambe, produção de narrativas através da contação de histórias – "Minha vida dá um livro", produções estéticas sobre direito das crianças e dos adolescentes, produção de vídeos, oficinas de máscaras e atividades corporais.

O território onde se desenvolvem essas ações é o do Complexo do Alemão, Bonsucesso e adjacências, na cidade do Rio de Janeiro. O Complexo do Alemão é um bairro carioca constituído por uma área de mais de 2 milhões de metros quadrados, na qual vivem 60.500 pessoas, sendo, em número absoluto, a quarta maior favela da cidade¹. Destes, 16.664 pessoas têm idade entre 15 e 29 anos, sendo 8.218 homens e 8.446 mulheres, o que corresponde a 29% da população do bairro².

Nas oficinas realizadas, percebe-se que, diante das particularidades daquele complexo território, entende-se que ser jovem, no Complexo do Alemão, significa vivenciar um cotidiano único, atravessado por diversos fatores, simbólicos e concretos, que marcam a experiência daquela juventude, narrada através das atividades.



Figura 1 e 2: Imagem de duas produções sobre o território realizada nas oficinas. Fonte: Arquivo pessoal.

A partir da década de 1970, reflexões de terapeutas ocupacionais brasileiros sobre sua atuação no contexto das instituições totais os levaram à composição de novos referenciais em busca de “uma prática inovadora em terapia ocupacional marcada pelo princípio territorial da assistência”(p.355)³, superando a abordagem apenas institucional.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Foram realizadas buscas em duas bases de dados e duas bibliotecas virtuais: Web of Science, SocIndex, Scopus e Scielo, e no Portal de Teses e Dissertações da CAPES, em setembro de 2017. Utilizou-se a combinação de descritores “Complexo do Alemão” AND “young” OR “youth” no título, resumo ou palavras-chave, sem filtro de data.

Apesar de “Complexo do Alemão” não ser um descritor, optou-se por utilizá-lo para que se direcionasse a busca àqueles trabalhos especificados naquela localidade. Utilizar apenas “favela” poderia resultar em trabalhos realizados em distintos lugares, que não é o objetivo desse levantamento, e apenas “alemão” levou a artigos que se referiam a questões do país Alemanha (ensino de língua alemã, cultura alemã, imigrantes alemães etc.). Escolheu-se, então, “Complexo do Alemão” por ser a forma mais habitual de se referir ao conjunto de favelas localizadas na região norte da cidade do Rio de Janeiro.

Os critérios de inclusão para as publicações foram: (1) estar disponível na íntegra, (2) não ser uma revisão de literatura, (3) ser um trabalho com foco na juventude do Complexo do Alemão, (4) ter as particularidades do Complexo do Alemão como foco da análise e discussão. Os trabalhos precisariam se enquadrar em no mínimo três dos quatro critérios para serem incluídos na análise.

Foram encontrados quatro trabalhos no Portal de Teses e Dissertações da CAPES e doze artigos nas bases de dados indexadas e bibliotecas virtuais.

Os resultados da pesquisa encontram-se resumidos nos dois quadros abaixo.

Quadro 1: Dissertações e Teses Encontradas no Portal CAPES.

TÍTULO	AUTOR	ANO	PROGRAMA	INSTITUIÇÃO
As representações de jovens moradores do complexo do Alemão no Rio de Janeiro sobre a implantação das unidades de polícia pacificadora - UPP.	Juliana Silva Correa	2013	Mestrado em Saúde Pública	ENSP/Fiocruz
Representações sociais de alunos do ensino médio de uma escola do Complexo do Alemão (RJ) a respeito das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP)	Antonia Regina Ribeiro Leal	2014	Mestrado em Educação	Universidade Estácio de Sá
Memórias e narrativas de jovens sobre o lugar: uma discussão sobre as intervenções urbanas no Rio de Janeiro	Beatriz Corsino Pérez	2014	Doutorado em Psicologia	UFRJ
As Forças Repressivas Estatais e os Coletivos de Direitos Humanos no Complexo do Alemão	Roberta Duboc Pedrinha	2014	Doutorado em Sociologia	UERJ

Quadro 2 – Artigos encontrados nas bases de dados e bibliotecas virtuais.

TÍTULO	AUTOR(ES) ANO	REVISTA	BASE
Poor youths and 'pacification': Dilemmas between discourse and practice from the perspective of young people about policing in Rio de Janeiro's favelas	Corrêa et al, 2016	International Sociology	SocIndex, Web of Science, Scopus
Recreação Esportiva e seus desafios corporais no Complexo do Alemão	Tavares, Costa, Tubino, 2010	Motriz – Revista de Educação Física	Web of Science, Scopus
A City at Play: Rio de Janeiro on the Eve of the 2016 Olympic and Paralympic Games	Nobre, 2016	Architectural Design	Web of Science
A aprendizagem-trabalho e as tecnologias de saúde na Estratégia Saúde da Família	Pessanha, Cunha, 2009	Texto Contexto Enfermagem	Scielo
A "Chacina do Pan" e a produção de vidas descartáveis	Alvarenga Filho, 2016	Fractal: Revista de Psicologia	Scielo
"É muita mistura": projetos religiosos, políticos, sociais, midiáticos, de saúde e segurança pública nas periferias do Rio de Janeiro	Machado, 2013	Religião e Sociedade	Scielo
Erotismo gospel: mercados e limites da sexualidade entre evangélicas(os) no Complexo do Alemão	Reis, 2017	Religião e Sociedade	Scielo
Houses and economy in the favela	Motta, 2014	Vibrant	Scielo
Humanitarismo e a Favela Global: Violência Urbana e Ação Humanitária no Rio de Janeiro	Moulin, Tabak, 2014	Contexto Internacional	Scielo
Mediações no YouTube e o caso 'Ocupação do Complexo do Alemão': características e dinâmica de uso	Silva, Mundim, 2015	Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação	Scielo
O twitter de Renê Silva e a ocupação da tecnologia: o morro (do Alemão) tem vez	Maia, 2012	Trabalho em Linguística Aplicada	Scielo
Saúde mental e atenção básica: território, violência e o desafio das abordagens psicossociais	Prata et al, 2017	Trabalho, Educação e Saúde	Scielo

Fonte: elaboração das autoras.

Foram excluídos da análise uma tese de doutorado por não estar disponível na íntegra⁵ e outros quatro artigos que não se adequaram aos critérios de inclusão⁶⁻⁹.

O trabalho de Pessanha e Cunha⁶, apesar de relatar uma pesquisa feita em uma unidade de saúde localizada no Complexo, não enfoca nos fatores territoriais em sua análise, além de não especificar nenhuma prática relacionada à juventude do bairro. Outro artigo excluído abordava as obras realizadas na cidade do Rio de Janeiro para os grandes eventos esportivos realizados no ano de 2016, as Olimpíadas e Paralimpíadas⁷. O artigo de Motta⁸, que faz uma pesquisa etnográfica na casa de uma família do Complexo do Alemão, e a publicação de Reis⁹, baseada em pesquisa realizada em um sex shop localizado no Complexo, não foram incluídos para a análise por apresentam uma abordagem mais individual, sem discutir as questões territoriais ou juvenis objetivadas para a nossa revisão.

Desta forma, foram estudadas onze publicações divididas em categorias temáticas de discussão após a sua leitura completa e análise. A categorização dos textos não foi excludente, sendo possível ter sido classificado em mais de uma categoria analítica.

3 RESULTADOS

Apesar do uso dos descritores na busca, dos dezesseis trabalhos encontrados (doze artigos, duas dissertações e duas teses), apenas três apresentavam jovem ou juventude no título e quatro no resumo. Com relação ao Complexo do Alemão, a expressão apareceu no título de sete artigos e como palavra-chave de apenas um. A ausência de "Complexo de Alemão" nos descritores pode ser explicada por este não ser padronizado pelos Descritores de Ciências da Saúde (DeCS) ou nos Medical Subject Headings (MeSH).

Mesmo que o texto não enfocasse a temática das juventudes, optou-se por mantê-los, por entender que, ao discutirem aspectos sobre o Complexo do Alemão, tais publicações poderiam ajudar a refletir sobre a juventude naquele território. Dessa forma, artigos como Alvarenga Filho¹⁰, Machado¹¹, Prata et al¹², Silva e Mundim¹³ e Tavares, Costa e Turbino¹⁴ foram mantidos para a análise.

Com relação ao idioma, percebemos a predominância das publicações em português, sendo estas treze das dezesseis encontradas. Percebemos também que, entre os artigos, a maioria (nove de doze) foram encontradas na SCielo, biblioteca de grande alcance nacional. Esses dois dados podem ser explicados por se tratar de temática específica brasileira. Tal visão é reafirmada quando se observa que as três publicações em idioma estrangeiro (inglês)^{7,8,15} foram realizadas por autores brasileiros.

Entre as áreas de conhecimento dos dezesseis trabalhos encontrados, percebe-se um destaque das Ciências Sociais, conforme observado na figura 3:



Figura 3: Gráfico com a distribuição das publicações por área dos estudos. Fonte: elaboração das autoras.

Com relação as datas, a publicação mais antiga encontrada foi de 2009. A figura 4 que segue apresenta a distribuição/ano.



Figura 4- Gráfico da distribuição das publicações por ano. Fonte: elaboração das autoras.

Percebemos o aumento das publicações a partir de 2012, dois anos após o evento conhecido como a Ocupação ou Pacificação do Alemão. Essa operação, uma ação conjunta entre a Polícia e as Forças Armadas para a primeira entrada de uma instituição de segurança pública naquele território, aconteceu em novembro de 2010 e foi televisionada ao vivo pela mídia nacional e teve repercussão mundial. Resultou na entrada das Forças de Pacificação do Exército, que continuaram no Complexo até a efetiva instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), em abril de 2012¹⁶, podendo explicar o aumento das publicações neste período. Contudo, dois artigos^{1,10} posteriores a essa data relatam experiências/reflexões anteriores a entrada da polícia em 2010.

A partir do levantamento e leitura dos textos, foram escolhidas as categorias abaixo para discussão.

3.1 As representações do Complexo do Alemão pela mídia

A representação social do Complexo do Alemão pela mídia foi o foco de quatro artigos^{10,11,13,17}. Nas outras publicações encontradas, embora este não tenha sido o tema principal, havia uma abordagem sobre sua influência no contexto da pesquisa, assim, foram aqui incluídas também referências a esses outros textos nessa categoria.

Alvarenga Filho¹⁰ analisa a visão de duas revistas de grande circulação nacional (Veja e Isto é) sobre uma ação que ocorreu em 27 de junho de 2007 no Complexo, que culminou na morte de 19 moradores do bairro em um único dia. Conhecida como “Chacina do Pan”, aconteceu alguns meses depois do Complexo ter tido grande destaque na mídia devido à morte do menino João Hélio, em um assalto, em fevereiro do mesmo ano. O artigo mostra que a operação, que foi denunciada pela Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e investigada e confirmada como uma execução pela Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, foi, pelas revistas analisadas, dada como um “grande sucesso, e, tornou-se assim, um marco no Brasil no que tange ao combate à criminalidade”(p.111)¹⁰. Aponta ainda que, pela análise das publicações das revistas, o que se pode perceber é que foi trabalhada uma visão de que o Complexo do Alemão era a “fonte de grande parte dos problemas de segurança pública no Rio”(p.115)¹⁰.

A cobertura da mídia desse evento influenciou, segundo Moulin e Tabak¹, a entrada dos Médicos Sem Fronteira no Alemão, uma vez que a organização entendeu que aquela região passava por uma “crise humanitária médica” (p.57).

Os outros artigos, ao falarem da questão da mídia e suas representações no Complexo, destacaram a “Ocupação do Alemão” de 2010^{13,16,18,19}.

Maia¹⁷ estudou a exposição do Complexo do Alemão na mídia através do ponto de vista de um jovem morador do bairro, Renê Silva, e suas publicações no *Twitter*. Destaca o quanto o uso dessa plataforma foi importante na quebra do poder hegemônico das grandes mídias para a propagação de informação.

Silva e Mundim¹³ analisaram a cobertura da ocupação pelo viés de uma outra TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação), o *YouTube*. Ao buscarem os vídeos sobre a Ocupação, encontraram vários, sendo, porém, predominante os de conteúdos jornalísticos, com reprodução de reportagens dos meios de comunicação tradicionais.

O uso das TICs também apareceu na pesquisa de Corrêa¹⁶, como um possível fator de proteção aos jovens, pois através delas estavam havendo denúncias de ações abusivas por policiais, além de permitirem aos jovens uma maior articulação para a ativismo cultural e para a produção de conhecimento contra hegemônico sobre aquele território.

Machado¹¹ discutiu as relações entre mídia, Estado, política e religião, argumentando sobre as estratégias para legitimar as intervenções estatais naquele território. Destaca, entre outras análises, o papel da imprensa na Ocupação. Afirma ter sido a polícia “o carro

chefe da entrada da mídia de massa, dando visibilidade a uma parte de sua ação, sempre representada como incólume e íntegra”(p.29)¹¹.

Mesmo quando as representações dos meios de comunicação sobre o Complexo do Alemão não são o foco das publicações, são mencionadas como um aspecto importante a ser analisado. Prata et al¹², discutindo falas de trabalhadores de saúde do Complexo do Alemão, afirmam que a mídia não fez uma cobertura de todos os aspectos da Ocupação: “tudo que apareceu na televisão não foi o que aconteceu” ou “só mostraram a parte boa”(p. 46)¹².

Os jovens colaboradores com a pesquisa de Leal¹⁸ falaram que os veículos de comunicação não mostraram a realidade por trás do projeto das UPPs e que as imagens divulgadas amplamente eram apenas uma “maquiagem”. A autora relembra ainda como, historicamente, foi construída uma imagem do Alemão ligada à pobreza, miséria e violência e de como, com a cobertura da Ocupação, começou uma tentativa de mudança nessa representação: “O mesmo recurso midiático que projetou a imagem negativa parece, neste instante, tentar redimir a imagem projetada a fim de atrair simpatia de um público que antes apresentava repulsa por este lugar” (p.87)¹⁸.

Essa mudança, conforme aponta Pérez¹⁹, aparece no fato de o Complexo do Alemão ter tido destaque em uma novela da Globo - fato também apontado por Corrêa¹⁶- e nas ações para uma maior visibilidade turística do Alemão, exemplificada com a construção e grande propaganda em torno do teleférico ali instalado. Os jovens colaboradores com uma das pesquisas¹⁶ também criticaram a maneira como a imprensa fez a cobertura dos acontecimentos e da forma como o bairro é sempre tratado negativamente. Por outro lado, ao mesmo tempo em que a cobertura da mídia é criticada, ela aparece como um fator de proteção, pois a visibilidade que as ações da polícia estavam tendo no território fizeram com que fossem mais cautelosas, inibindo assim situações de abuso e violência^{16,19}.

3.2 As questões do território influenciando a prática de diferentes profissionais

Três artigos encontrados foram classificados nesta categoria, pois tratavam de relatos de práticas profissionais realizadas no Complexo do Alemão influenciadas pelo território em que se localizavam^{1,12,14}.

A publicação de Tavares, Costa e Tubino¹⁴ apresenta um projeto que buscava oferecer recreação esportiva para crianças afastadas da escola. Os autores relatam que a violência do território foi um aspecto que influenciou as atividades do projeto: “Um muro separava o galpão, local em que as atividades de recreação esportiva amenizavam as dores e traumas que aconteciam todos os dias, do outro lado, onde tiros e até mortes contrastavam com a alegria e a descontração das crianças que brincavam”(p.261)¹⁴. Cabe ressaltar que esta publicação é anterior à entrada das UPPs no Complexo.

Prata et al¹² realizaram uma pesquisa com profissionais e gestores de equipes de saúde da família em duas comunidades da cidade do Rio de Janeiro. No Complexo, os pesquisadores destacam que a entrada das UPPs interferiu nas relações dos moradores e dos profissionais que lá atuavam. Segundo relato de entrevistados, a insegurança e o medo aumentaram após a Ocupação. Afirmavam que, apesar da entrada das forças armadas/polícia ter levado à diminuição do tráfico de drogas explícito na comunidade, ainda existiam muitas formas de violência. Outra questão apontada foi a tensão existente entre os trabalhadores que residiam no território (na maioria agentes comunitários de saúde) e os profissionais que não moravam na região, advinda da dualidade de pontos de vista a respeito da Ocupação, por exemplo: "As diferenças diziam respeito aos custos e benefícios da ocupação, ao grau de exposição às violências, às desigualdades entre eles, traduzidas na clássica oposição entre 'morro' e 'asfalto' (sic)"(p.47)¹².

A publicação de Moulin e Tabak¹ referiu-se a uma pesquisa realizada com a organização Médicos Sem Fronteiras (MSF), implementada devido à visibilidade que o Alemão recebeu após a "Chacina do Pan". Tratou-se de uma ação pontual, com duração prevista de dois anos, pelo fato do local ter sido considerado em situação emergencial. A pesquisa voltou-se aos trabalhadores da organização, que sentiam grande insegurança no Complexo, pois, apesar da experiência prévia em outras localidades em circunstâncias vulneráveis, consideravam aquele um:

ambiente de alto risco para os trabalhadores humanitários em função não apenas da violência armada e dos recorrentes confrontos entre traficantes de drogas e policiais, mas também devido ao sentimento de indiferença dos criminosos e moradores das favelas em relação à presença do MSF (p.59)¹.

A questão espacial e geográfica também afetou o projeto. Para aquela organização que atua na área da saúde, o deslocamento e o resgate de pacientes era complicado devido à distância e às necessidades de se passar por vielas e becos para se acessar determinados pontos. A falta de articulação com serviços governamentais já existentes também foi apontada como um problema, e, ao final, o projeto foi criticado pelos pesquisadores:

Em suma, a falta de conhecimento acerca da situação local, alimentada por uma compreensão universal e essencialista de vida e morte nas favelas, impediu a organização de criar um relacionamento com os serviços governamentais locais, de reconhecer a necessidade de um diálogo aberto com os moradores das favelas e seus líderes, e, finalmente, limitou sua capacidade de cuidar da população local (p.59)¹.

3.3 Representações dos jovens moradores do Complexo do Alemão sobre as UPPs

Quatro publicações foram incluídas nesta categoria^{15,16,18,19}.

A dissertação de mestrado de Corrêa¹⁶ e o artigo derivado desta pesquisa¹⁵, analisando a percepção de jovens moradores do Complexo do Alemão frequentadores ou não de projetos sociais a respeito das UPPs, consideraram que, apesar da redução dos conflitos armados, os jovens ainda têm uma relação de desconfiança com as instituições policiais, especialmente devido às dificuldades de relacionamento com estes atores. Segundo os jovens, o comportamento da polícia com os pobres é desrespeitoso. Além disso, as regras por eles impostas, regulando principalmente as atividades de lazer e sociabilidade dos moradores, causa incômodo, pois se sentem, segundo os autores, “constantemente sob suspeita da polícia, e não sob sua proteção” (p.112, tradução nossa)¹⁵, fato também encontrado por Leal¹⁸ em sua pesquisa de campo. Apesar disso, o estudo de Corrêa¹⁶ afirma que houve uma:

mudança na orientação dos policiais das UPP, que resultou numa atuação a princípio menos violenta junto ao segmento juvenil. No entanto, o tratamento que vem sendo dispensado aos jovens ainda tem como matriz um modelo policial autoritário, de raiz militar que precisa ser superado (p.110)¹⁶.

Um outro aspecto importante foi a desconfiança dos moradores, à época da pesquisa (2013), com relação à continuidade dos projetos das UPPs após a realização dos eventos esportivos que aconteceriam na cidade (Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016)¹⁶. Essa mesma desconfiança foi mencionada na pesquisa de Leal¹⁸, também a respeito da visão de jovens sobre as UPPs, mas neste caso utilizando como cenário uma escola pública de Ensino Médio. Para os jovens, a UPP é uma “maquiagem”, pois não mudou a real situação de violência do território.

Leal¹⁸ encontrou dualidades nas representações dos jovens sobre as UPPs. Ao mesmo tempo em que apontaram o sentimento de segurança advindo da presença das unidades (pela ação imediata da polícia nas ocorrências e resolução de conflitos, pela maior proteção causada pela presença de armas, pela maior circulação na favela e pela nova ordem imposta), apareceram também aspectos que demonstraram insegurança aos jovens, como a desconfiança na postura dos policiais, o medo de represálias, a incerteza da erradicação da violência e a desconfiança sobre a proposta da UPP e sua permanência. A autora aponta também o incômodo dos jovens, conforme já mencionado na descrição anterior de seu estudo, com relação à restrição imposta a suas atividades de lazer, mas adiciona, ainda, a perda de “benefícios” que obtinham com o tráfico. No entanto, apesar de todas as críticas, os jovens entrevistados pela autora ainda entendem o projeto como algo positivo para a comunidade, pois visualizam: a mudança da imagem da favela e de seus moradores; a redução da criminalidade, da visualização das armas, dos tiroteios e do consumo de drogas; a redução da influência do tráfico sobre a vida das crianças e jovens; a valorização da localidade e de seus moradores; as melhorias em relação à escola; as oportunidades nas áreas acadêmicas e de trabalho; o aumento de perspectiva de futuro; as melhorias nas áreas social, esportiva, de lazer e saúde; e a organização das formas de lazer.

Pérez¹⁹ estudou a percepção de jovens moradores de diferentes favelas do Rio de Janeiro sobre as intervenções urbanas em seus territórios. Encontrou, entre outros fatores, a grande marca que a UPP tem na vida dos jovens, sendo esta, nos seus relatos, a principal diferença entre a infância e a juventude atual, constatando um marco nas narrativas: existe um antes e um depois da polícia. Os jovens moradores do Alemão disseram à pesquisadora que a presença da UPP “melhorou a vida na comunidade, pois não precisam ver e nem escutar essas ações [venda e uso explícito de drogas, incluindo o consumo por crianças e adolescentes] do tráfico de drogas no seu cotidiano”(p.252)¹⁹. Ao mesmo tempo, relatam que a presença do tráfico ainda existe no local, contando, como exemplo, uma situação em que o comércio local foi fechado a mando dos traficantes. Entre os bairros em que realizou a pesquisa, o Complexo do Alemão é um dos locais em que as relações entre moradores e polícia é mais conflituosa. Os jovens relataram diversas situações em que foram tratados de forma violenta e injusta pela polícia. Ao mesmo tempo, falavam de uma expectativa com relação à melhoria na qualidade de vida dos moradores com a entrada das UPPs, pois esta permitiu uma ampliação de ofertas de atividades (como cursos e projetos sociais) no bairro, especialmente através de Organizações Não Governamentais. Muitos policiais envolveram-se nesses projetos, o que causa um efeito positivo na visão que a população tem de sua atuação¹⁹.

4 O QUE É SER JOVEM NO ALEMÃO?

Apesar das publicações analisadas abordarem diferentes temáticas, todas elas, de alguma forma, podem dar pistas para responder à questão norteadora deste trabalho: o que é ser jovem no Complexo do Alemão?

Um primeiro ponto importante a ser considerado é que “a juventude é uma categoria socialmente construída, ou seja, possui diversas representações sociais que buscam lhe dar um conteúdo”(p.17)¹⁶. Segundo Pais²⁰, a juventude tem sido, enquanto uma fase da vida, marcada por instabilidades associadas a problemas sociais, sendo que a mídia auxilia a difundir notícias sobre a juventude enquanto um “problema social”, ao mesmo tempo que, muitas vezes, a própria sociologia enfatiza esse senso comum.

Para Novaes²¹, são diversos os aspectos que conferem à(s) juventude(s) diferentes modos de vivenciá-la e diferentes representações sociais. Classe social, gênero e raça/etnia são alguns deles, que se relacionam com o lugar de moradia.

Hoje, certos endereços também trazem consigo o estigma das áreas urbanas subjugadas pela violência e a corrupção dos traficantes e da polícia - chamadas favelas, subúrbios, vilas, periferias, morros, conjunto habitacionais, comunidades. Ao preconceito e à discriminação de classe, gênero e cor adicionam-se o preconceito e a discriminação por endereço (p.106)²¹.

Silva e Barbosa²³, ao estudarem especificamente o caso de favelas cariocas, afirmam que o imaginário social, construído diante de representações vindas tanto da mídia quanto do poder público e das classes dominantes é que os moradores de favelas não são sujeitos de direitos como os moradores dos bairros nobres da cidade – ao contrário, são vistos como coniventes e cúmplices às ações criminosas das facções e, portanto, especialmente os jovens, vistos como potencialmente criminosos. As mídias, para Alvarenga Filho são “potentes produtores de subjetividades” (p.114)¹⁰. Desta forma, pode-se afirmar que essas representações do território influenciam diretamente nas representações que são feitas de seus moradores, assim como também nas próprias representações que os moradores têm de si.

Pérez¹⁹ afirma que a subjetividade e a espacialidade são intrinsicamente relacionadas. Para essa autora, as identidades juvenis produzem e são produzidas a partir de seu modo de viver e transitar no território. Ao refletir diretamente sobre essa relação afirma que “eles [os jovens] se reconhecem e falam a partir de um lugar, se esse espaço sofre mudanças e rupturas as imagens produzidas por si mesmo também passam por transformações” (p.2)¹⁹.

Essa visibilidade midiática do Complexo, para os jovens, apresenta pontos positivos e negativos, como já colocado. No lado positivo, os textos destacam o uso das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), que possibilita que os jovens se coloquem enquanto vozes ativas para contar sua realidade^{16,17,19}.

As TIC surgiram principalmente com o advento da *internet* e incidem diretamente na vida de toda a sociedade, ocasionando diversas mudanças em termos sociopolíticos e culturais, como a ampliação das formas de interatividades virtual, a composição do ativismo e de movimentos sociais, denominada de *ciberativismo* e ativação de redes, novas relações entre mídias e informação e novos processos de produção e compartilhamento de informação e conhecimento. Essas redes têm dado espaço para a organização e o fortalecimento de causas de grupos marginalizados, assim como tem disseminado grupos extremistas e ideias anti-direitos. Os jovens afirmaram que conseguiram, através de *ciberespaço*, ganhar uma visibilidade antes reprimida tanto pela mídia convencional como pela própria ciência, e assim fortalecer-se enquanto movimento. O uso de redes sociais virtuais pode ser difusor da voz de quem não tem espaço de escuta, ampliando a expressão e comunicação para os protagonistas das próprias histórias²⁴, sendo necessário assinalar, no entanto, que ainda existem aqueles que não acessam as TIC, que correspondem a uma importante parcela da juventude brasileira. Esta realidade, no entanto, não foi objeto de nenhum dos estudos encontrados.

No Alemão, as novas TICs foram amplamente usadas, além do que já mencionado pelas publicações encontradas nesta revisão, para a articulação de eventos presenciais de luta contra as violências e violações sofridas, como por exemplo o #OcupaAlemãoÀs9h, em 2012. Foi através do uso das redes sociais virtuais que jovens de duas favelas organizaram um movimento de ocupação desses territórios com atividades artísticas e culturais,

como forma de represália ao toque de recolher imposto pela polícia e à morte de um jovem. No evento, além das manifestações artísticas e culturais, realizaram um abaixo-assinado pedindo a garantia de seus direitos básicos. Dessa primeira intervenção, nasceu um coletivo que segue realizando ações na luta pelos direitos dos moradores e com o intuito de mediar conflitos entre a polícia e a juventude²⁵.

Uma outra questão ao se pensar no cotidiano de jovens moradores do Alemão se refere aos serviços disponíveis naquele território, públicos ou não. Conforme encontrado na literatura, nem sempre os serviços apresentam práticas adequadas às particularidades do território, o que faz com que acabem não servindo à população a quem se destina¹. Há também conflitos dos profissionais com os moradores pelos diferentes pontos de vista a respeito de intervenções e vivências territoriais¹². Ao se pensar em um projeto, na implantação de um serviço ou em ações técnicas, é preciso entender a existência de uma relação direta entre a ação profissional e contexto concreto em que vive o sujeito alvo da ação, ou seja, o seu território²⁶. É preciso percebê-lo para além da superfície geográfica, mas também com "elementos que o qualificam como espaço demográfico, epidemiológico, tecnológico, econômico, social e político, inserido numa totalidade histórica na qual diferentes sujeitos se articulam em torno de suas necessidades e interesses"(p.88)²⁷. No entanto, percebemos que, nas práticas no Complexo do Alemão, o local acaba sendo um fator nem sempre considerado, o que dificulta a implementação e a continuidade de ações para a juventude contextualizadas com a realidade em que vivem, possibilitando assim que tenham sentidos e significados no cotidiano dos jovens e permitam a sua participação ativa.

Entende-se cotidiano não como as atividades feitas diariamente pelos sujeitos, mas sim como as atividades junto aos modos que o "sujeito vê a si mesmo, como constrói sua identidade, como participa da vida comunitária e também se refere às formas de organização social" (p.269)²⁸. Portanto, olhar para o cotidiano inclui olhar para o contexto (social, cultural histórico, territorial), tanto individual como coletivo do sujeito²⁹.

O cotidiano e os modos de experienciar a juventude dos moradores do Complexo do Alemão estão diretamente ligados às particularidades daquele território. A partir do que foi encontrado nesta revisão, pode-se inferir que morar no local considerado por muito tempo o mais violento da cidade do Rio de Janeiro, pela mídia e pelo imaginário popular, implica em estigmas e representações dos jovens difíceis de serem desconstruídas, apesar de algumas iniciativas mais recentes. Esse estigma do Complexo do Alemão influencia diretamente na oferta e na continuidade de serviços, projetos e ações territoriais para a população daquele território, incluindo aí a juventude; pois os serviços e projetos locais muitas vezes são implementados de forma hierárquica, "de cima para baixo", sem a participação da comunidade em suas concepções e implementações, o que faz com que estabeleçam ações baseadas em estigmas e que não são contextualizadas com a realidade local. Além disso, leva também os jovens, que já sofrem os estigmas relacionados à sua geração e ao território, a serem o segmento que mais frequentemente têm problemas na relação com as UPPs naquele local.

No entanto, é preciso, ao se pensar na juventude pobre, quebrar o chamado “paradigma da ausência” (enfocando sempre nas precariedades, ausências e carências de determinado grupo/território a partir de uma análise vinda dos grupos sociais dominantes) e buscar um olhar pautado também no “paradigma das potências”, buscando valorizar as inventividades, as construções e a busca de enfrentamento das adversidades cotidianas³⁰. Evidentemente é necessário lidar com as “ausências”, entretanto, focar-se apenas nelas pode levar à perpetuação, pela academia, dos estereótipos juvenis já estabelecidos pelo senso comum e reforçados cotidianamente pela mídia.

Neste sentido, os textos demonstraram que a participação em projetos de diferentes tipos, setores e organizações, utilizando as diversas ferramentas existentes na *internet* e a reafirmação de sua identidade através da cultura, tem sido estratégias adotadas pelos jovens. São formas de reinvenção do cotidiano que precisam também ser consideradas ao se buscar entender como vivem os jovens daquela localidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora nem todos os textos tivessem como objetivo central refletir sobre a juventude no Complexo do Alemão, as discussões apresentadas puderam subsidiar algumas reflexões a respeito dos jovens daquele território.

As representações sociais e pela mídia do território afeta o cotidiano dos jovens no que se refere à sua participação e circulação por diferentes espaços, além das imagens que têm de si mesmo. Além disso, influenciam nas relações com a polícia.

Paralelamente, redes sociais virtuais e as novas TICs, apesar de em alguns momentos propagarem a visão estigmatizada de jovens de favelas, tornaram-se também importantes formas de manifestação cultural e política dos jovens da favela, propiciando a eles uma “voz” e uma visibilidade que até então não era encontrada, ultrapassando as fronteiras entre a favela e a cidade.

A problemática de práticas e ações técnicas descontextualizadas com o território também apareceram nesta revisão.

Esses fatores todos devem ser considerados ao estudar e refletir sobre o cotidiano e as vivências vindas das experiências de ser jovem numa favela com as dimensões, particularidades e visibilidade como o Complexo do Alemão. Entende-se que a revisão de literatura apresenta limites, em todas as modalidades, por se utilizar apenas de referências indexadas e aquelas possíveis de serem recuperadas pelos instrumentos reconhecidos no campo acadêmico, assinalando-se que há sempre a possibilidade de haver outras produções, de diferentes naturezas, inacessíveis pelas bases de dados. No entanto, o resultado alcançado direciona alguns pontos a serem considerados em pesquisas futuras.

Nenhum dos achados dessa revisão apresenta aspectos inovadores àqueles já conhecidos nos estudos sobre o cotidiano de jovens moradores de favelas. Isso porque o cotidiano daqueles jovens muito se assemelha ao de jovens moradores de outras favelas, evidenciando as vulnerabilidades sofridas pela juventude pobre brasileira. Porém, percebe-se ainda um foco dos estudos em aspectos mais evidentes daquela realidade, como a relação com a polícia, as violências vividas e sistematizadas no território e as relações institucionais entre serviços. Aponta-se que existem outros aspectos a serem abordados a respeito da temática, o que mostra a necessidade de mais publicações relacionadas ao cotidiano da juventude contemporânea do Complexo do Alemão em seus diversos aspectos: cultura, educação, relações sociais e territoriais, mobilidade urbana, participação política, dentre outras abordagens. Sendo que, a área de terapia ocupacional, notadamente pela subárea de terapia ocupacional social, pode adicionar contribuições sob a perspectiva do cotidiano de jovens pobres e seu lugar social.

Para o trabalho territorial em terapia ocupacional, a compreensão das dimensões aqui apresentadas é essencial para que se realize uma prática contextualizada àquela realidade e que seja efetivamente produtora de resultados para os jovens ali moradores.

Referências

1. Moulin C, Tabak J. **Humanitarismo e a favela global: violência urbana e ação** humanitária no Rio de Janeiro. *Context Int* [Internet]. 2014 Jun;36(1):43–74. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292014000100002&lng=pt&tlng=pt
2. Instituto Pereira Passos. **Panorama dos Territórios: UPP's Complexo do Alemão** [Internet]. Rio de Janeiro; 2017. Disponível em: <http://www.riomaisocial.org/wp-content/uploads/2017/01/1-Panorama-dos-Territórios-UPPs-Complexo-do-Alemão.pdf>
3. Barros DD, Lopes RE, Galheigo SM. Novos espaços, novos sujeitos: a terapia ocupacional no trabalho territorial e comunitário. In: Cavalcanti A, Galvão C, editors. *Terapia Ocupacional – Fundamentação e Prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2007. p. 354–63.
4. Barros DD, Ghirardi MIG, Lopes RE. Terapia ocupacional social. *Rev Ter Ocup da Univ São Paulo* [Internet]. 2002;13(3):95–103. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13903>
5. Pedrinha RD. **As Forças Repressivas Estatais e os Coletivos de Direitos Humanos no Complexo do Alemão**. [Tese]. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2014.
6. Pessanha RV, Cunha FTS. A aprendizagem-trabalho e as tecnologias de saúde na Estratégia Saúde da Família. *Texto Context - Enferm* [Internet]. 2009 Jun;18(2):233–40. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072009000200005&lng=pt&tlng=pt
7. Nobre AL. **A City at Play: Rio de Janeiro on the Eve of the 2016 Olympic and Paralympic Games**. *Archit Des* [Internet]. 2016 Mai;86(3):28–39. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1002/ad.2043>

8. Motta E. Houses and economy in the favela. *Vibrant Virtual Brazilian Anthropol* [Internet]. 2014 Jun;11(1):118–58. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43412014000100005&lng=en&tlng=en
9. Reis LM. Erotismo gospel: mercados e limites da sexualidade entre evangélicas(os) no Complexo do Alemão. *Reli Soc* [Internet]. 2017 Jan;37(1):65–84. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-858720170001000065&lng=pt&tlng=pt
10. Alvarenga Filho JR. A “Chacina do Pan” e a produção de vidas descartáveis. *Fractal Rev Psicol* [Internet]. 2016 Abr;28(1):111–7. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922016000100111&lng=pt&tlng=pt
11. Machado C. “É muita mistura”: projetos religiosos, políticos, sociais, midiáticos, de saúde e segurança pública nas periferias do Rio de Janeiro. *Reli Soc* [Internet]. 2013 (2):13–36. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872013000200002&lng=pt&tlng=pt
12. Prata NIS dos S, Groisman D, Martins DA, Rabello ET, Mota FS, Jorge MA, et al. Saúde Mental e Atenção Básica: território, violência e desafio das abordagens psicossociais. *Trab Educ e Saúde* [Internet]. 2017 Abr;15(1):33–53. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462017000100033&lng=pt&tlng=pt
13. Silva SP da, Mundim PS. Mediações no YouTube e o caso ‘Ocupação do Complexo do Alemão’: características e dinâmica de uso. *Intercom Rev Bras Ciências da Comun* [Internet]. 2015 Jun;38(1):231–53. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442015000100231&lng=pt&tlng=pt
14. Tavares AF, Costa VL de M, Tubino MJG. Recreação Esportiva e seus desafios corporais no Complexo do Alemão. *Motriz Rev Educ Física UNESP* [Internet]. 2009 Nov 19;16(1). Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2912>
15. Corrêa J, Cecchetto F, Farias P, Fernandes FL. Poor youths and ‘pacification’: Dilemmas between discourse and practice from the perspective of young people about policing in Rio de Janeiro’s favelas. *Int Sociol* [Internet]. 2016 Jan 30;31(1):100–20. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0268580915615758>
16. Corrêa JS. As representações de jovens moradores do Complexo do Alemão no Rio de Janeiro sobre a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora – UPP. [Dissertação]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz); 2013.
17. Maia J de O. O Twitter de Renê Silva e a ocupação da tecnologia: o morro (do Alemão) tem vez. *Trab em Linguística Apl* [Internet]. 2012 Jun;51(1):261–75. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132012000100014&lng=pt&tlng=pt
18. Leal ARR. Representações sociais de alunos do ensino médio de uma escola do Complexo do Alemão (RJ) a respeito das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP). [Dissertação]. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá; 2014.
19. Pérez BC. Memórias e narrativas de jovens sobre o lugar: uma discussão sobre as intervenções urbanas no Rio de Janeiro. [Tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2014.
20. Pais JM. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. *Análise Soc* [Internet]. 1990; XXV:139–65. Disponível em: http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/A_construcao_sociologica_da_juventude_0.pdf

20. Pais JM. **A construção sociológica da juventude - alguns contributos.** *Análise Soc* [Internet]. 1990; XXV:139–65. Disponível em: http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/A_construcao_sociologica_da_juventude_0.pdf
21. Novaes R. **Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias.** In: Almeida MIM de, Eugenio F, editors. *Culturas Jovens – novos mapas do afeto.* Rio de Janeiro: Zahar editores; 2006. p. 105–20.
22. Santos M. **O espaço cidadão.** 7a. São Paulo: EdUSP; 2007. 176 p.
23. Silva J de S e, Barbosa JL. **As favelas como territórios de reinvenção da cidade.** In: Barbosa JL, Dias CG, editors. *Solos Culturais* [Internet]. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas; 2013, p. 29–37. Disponível em: http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/05/SolosCulturais_ISSUU-2.pdf
24. Ferigato SH, Silva CR, Gozzi A de PNF. O advento da cibercultura e das cibercidades e a produção de novas estéticas e a reconfiguração dos processos de inclusão e exclusão social. In: Bertelli GB, Feltran G, editors. *Voices à margem: periferias, estética e política.* São Carlos: EDUFSCar; 2017. p. 215–31.
25. Souza PLA. Mobilizações, projetos sociais e juventude em favelas cariocas: um olhar a partir dos eventos #OcupaAlemãoàs9h e #OcupaBorelàs9h. In: Rodrigues RI, editor. *Vida Social e Política nas Favelas: pesquisas de campo no Complexo do Alemão.* Rio de Janeiro: IPEA; 2016. p. 153–74.
26. Galheigo SM. O Social: idas e vindas de um campo de ação em Terapia Ocupacional. In: Pádua EMM de, Magalhães LV, editors. *Terapia Ocupacional: teoria e prática.* 4a. Campinas: Papyrus; 2008. p. 29–45.
27. Almeida MC De, Oliver FC. Abordagem comunitárias e territoriais em reabilitação de pessoas com deficiência: fundamentos para a Terapia Ocupacional. In: De Carlo MMR, Bartalotti CC, editors. *Terapia Ocupacional no Brasil.* São Paulo: Plexus; 2001. p. 81–98.
28. Salles MM, Matsukura TS. Estudo de revisão sistemática sobre o uso do conceito de cotidiano no campo da terapia ocupacional no Brasil. *Cad Ter Ocup da UFSCar* [Internet]. 2013;21(2):265–73. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2013.028>
29. Galheigo SM. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. *Rev Ter Ocup da Univ São Paulo* [Internet]. 2003;14(3):104–9. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13924/15742>
30. Silva J de S, Silva ES, Balbim R, Krause C. Um olhar possível sobre o conceito de mobilidade e os casos da Favela da Maré e do Complexo do Alemão. In: Balbim R, Krause C, Linke CC, editors. *Cidade e Movimento Mobilidades e Interações no Desenvolvimento Urbano* [Internet]. Brasília: Ipea: ITPD; 2016. p. 181–204. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/160905_livro_cidade_movimento.pdf

Agradecimento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES), código do financiamento 001.

Contribuição dos autores: As autoras trabalharam conjuntamente no processo de concepção, elaboração e análises componentes do artigo.

Submetido em: 25/10/2018

Aprovado em: 13/003/2019

Publicado em: 31/07/2019